

FOLHA LIVRE

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

Anno I | S. CATHARINA |

Joinville, 6 de Fevereiro de 1887.

BRAZIL

N.º 3

EXPEDIENTE.

Publica-se aos domingos.

ASSIGNATURAS

6 mezes 3\$000
Pelo correio 3\$500

Pagamento adiantado.

Redacção — Rua d'Água.

FOLHA LIVRE

Joinville, 6 de Fevereiro de 1887.

Lavoura e industria

Nossa lavoura está atazala!

Nossa industria é uma irrisão!

Quantos não tem repetido á saciedade essa apostrophe compromettedora dos nossos brios! E no entanto os nossos olhos se estendem á todos os momentos sobre esplendidas regiões uberrimas de seiva! O solo está a pedir enxada para arrancar-lhe das entranhas fecundas o bem estar e as riquezas para doze milhões de habitantes somente!

Os utupistas ísteréis do nosso tempo e do nosso paiz clamam pelo progresso, crusando os braços a esperar que elle brote e floresça da inercia, como se o progresso não fosse o fructo abençoado do trabalho e do esforço.

Nas horas de ardente arroubo nacional, o nosso orgulho appella emphaticamente pelas immensas florestas virgens e verdejantes cam-

pinas que se desenrolam magestosamente desde o rio Paraná ao Amazonas, como se tudo isso não fosse o monumento do nosso atroz, a prova esmagadora, irrefutavel da nossa lendaria indolencia! Florestas inaproveitadas! Campinas a estravarar de seiva, mas onde não rebenta ao sol equatorial a espiga loura do trigo ou a flor frôcada do algodão! Rios collossaes que de nada servem ainda, á não ser para embalar a canção do indigena preguiçoso e inutil!

Se ha povo fecundo em theorias brilhantes e ocas é o nosso — sonha-se com liberdade, no marasmo do quietista que espera que a luz jorre e o abraze, sonha-se com progresso e avilta-se a religião do trabalho, fazendo-se della o flagello de uma raça!

O estado do Brazil até á actualidade, tem sido de pura transição. E' necessario uma revolução completa em nosso organismo social, para que elle entre de novo no periodo normal de seu desenvolvimento. O trabalho livre, activo e intelligente, eis a mola de nossa regeneração.

Emquanto os preconceitos fizerem que o brasileiro còre de pejo diante do ago de uma enxada, ou dos sulcos abençoados de um irrigal, enquanto a lavoura fôr feita por milhares de braços escravos, para aproveitar só meia duzia de senhores, ella ha-de ser o que é, e o povo definhará na indigencia.

Mas diffunda-se o trabalho, empreguem-se no desenvolvimento da industria e da lavoura, as intelligencias que esterilizam-se em embigões pedantocraticas, dê-se o exemplo da iniciativa e do esforço ás gerações porvir, ensine o pai ao filho que nos sulcos deixados pelo alvião e pelo arado ha pão para o corpo e nobre independencia para o espirito, esmague-se o preconceito que diz — o trabalho

é um aviltamento e pregue-se que o trabalho é progresso e liberdade, é bem estar e moralidade e tudo se ha de mudar. A lavoura e a industria deixarao de ser irrisões, para tornarem-se grandiosas realidades e o povo arrastado pelo exemplo, nobilitado por uma independencia só devida á propria perseverança, verá realisado o ideal de democracia sonhado, o ideal que hoje attingio seu maximo esplendor nos Estados-Unidos.

Porem enquanto a agricultura estiver entre as mãos de meia duzia de homens sem instrucção e mais meia duzia de homens poderosos, veremos de um lado — a pequena lavoura ignorante condemnada a uma eterna pobreza, e de outro lado — a lavoura opulenta das grandes personalidades especulando com a escravidão e formando uma aristocracia argentaria, donde sahem hoje e sahirão amanhã as potencias politicas zelosas dos seus interesses, empenhadas para que continue esse triste estado de cousas.

Para que o povo possa conquistar o governo, é necessario que comece por conquistar a lavoura e a industria, que trabalhe pela prosperidade propria e para o aniquilamento da aristocracia atropiadora dos nossos grandes capitalistas e grandes politicos. Emquanto a lavoura e a industria não forem nossas, o governo brasileiro continuará a ser o que é: uma centralisação formidavel que rouba os meios de desenvolvimento ao paiz, que tudo absorve, administrações e riquezas e faz das vinte provincias vinte mendigas a choramigar favores do poder e eternamente ludi-briadas em suas generosas expectativas.

Santa Catharina é um exemplo. E' preciso pois que o nosso povo sacuda os grilhões velipendiosos da inercia, que trabalhe: isto é: conquiste, desviando as vistas do funciona-

FOLHETIM

Chuviscos

Bom dia, leitoras! Dam licença que o Forragaita as cumprimente? Ainda estão zangadinhas comigo por causa do ultimo folhetim? Não façam caso das minhas capoadas.

Dá-me ahi na cabeça dizer certas asneiras e o resultado é certas mocinhas ficarem todas derretidas com o pobre do Forragaita! Ora essa!

Tambem quem mandou me metter a dizer que as mocinhas de anguinhas e chapéus altos se pareciam com pica-paos? Mas daqui em diante, não vê! caladinho como um ovo.

Eu tinha um irmão muito parecido conmigo que se chamava "Caradura" e apparecia sempre no antigo "Globo".

De certo V. Moez todos o conheceram. Aquillo era um rapaz sêudo, verdadeiro, um rapaz que quando não mentia assim por brincadeira sempre allava a verdade; isso lá, era.

Quando me lembro delle dá-me até vontade de chorar! Pois apesar de tão boas qualidades do meu irmão, havia muita gente que embirrava com elle; pode ser? A mesma coisa vae acontecendo comigo.

Uma vez elle disse que ia pôr uma taver-

na para apanhar um policia. E apanhava; por Deus nosso Senhor que apanhava!

Agora em vez de apanhar um apanhava tres, que é quanto possamos aqui.

A pobre policia tambem muito tem soffrido injustamente. Outro dia deram, alta noite, umas pedradas em uma casa; veio depois a "Reform" a perguntar se a policia não era culpada naquillo. Lá isso não; se a policia pudesse priver as pedradas que nos atiram nada melhor. Alem disso seria preciso que em cada casa houvesse um policia a tomar conta (do que Deus nos livre e guarde....)

E como vamos de carne fresca? Ando satisfeito, satisfetissimo! Em quanto os agouges brigam vou eu engordando com carne verde a dous tostões o kilo, e esperando engordar mais até destilar banha pelos olhos quando a carne ficar a meia pataca. Acho que já está tardando esse dia!

Nada de demoras minha gente! Olhem que em os carangueijos apparecendo temos alimento mais barato ainda.

Os ornas de Blumenau e os cá da santarrita estão tratando de nos descompor a valer por causa de um artigo que certo pulha fez publicar nos apedidos da "Regeneração" do Desterro. Se o negocio vae adiante, os nossos patricos tem que emigrar para a Europa e assim trocamos as casas, mudando de freguesia.

Ha de ser engraçado esse *chasses-croises* de tal dança entre a America e a Europa.

Adeus herva mate! adeus carne secca com farinha! adeus café! adeus carne verde a meia pataca! Vamos todos embora por causa dos jornaes que nos vêm com tão máos olhos...

Que choradeira na sahida! Eu até nem sei mesmo como me hei de apartar dos meus tarecos e ter de deixar os meus "chuviscos" para ir plantar batatas nas frias plagas do alem mar; ter de deixar este sol ardente e creador, estes rios largos e bellos, os nossos sabiás e as nossas melancias, os nossos carangueijos e os nossos bagres da Laguna de que alguns europeus já tanto gostão.

Ai! ai! ha de ser uma scena triste, tão triste como a "cousa mais triste da tristura.

E tudo isso porque nós, nascidos aqui e aqui creados, somos estranhos!!

Hom'essa! Isso é que saber-se historia, ethnologia e ter-se bom senso...

Isso é que é!

O que está está me custando mais é ter que ir me metter na guerra que vae estralar por lá; sim, porque como brasileiro não sei pelejar, e tanto assim que para o nosso paiz vencer a guerra do Paraguay foi preciso vir os aguerridos de lá, que se enforcaram de medo, não foi?

E' a tal cousa...

FORRAGAITA.

liame, essa arma surda que se levanta contra elle e procure ideaes solidos, onde nunca procurou até agora — só assim elle encontrará a sua independencia e sua autonomia nos destinos da patria.

No abandono extremo em que definham as provincias de segunda ordem, é necessario que o povo se ligue n'um esforço commum para o trabalho e para a luta, porque do governo nada ha a esperar senão para algumas provincias privilegiadas de primeira ordem e isso mesmo só quando ellas tem a felicidade de encontrar entre seus filhos, homens dotados de energia, de prestigio e talento.

Ha provincias que tudo devem á si mesmas e nada ao governo; por exemplo São Paulo, cujos filhos, resolutos, iniciadores e praticos como os *Yankees*, representam hoje o typo verdadeiro e genuino da raça. Desde que o trabalho escravo fôr ahí substituído pelo trabalho livre, S. Paulo pesará de um modo decisivo na balança dos destinos da America.

Já não será uma simples provincia, uma mendiga batendo ás portas do governo, mas sim um centro civilisado e florescente encaixado n'um territorio immenso, exercendo a autonomia do trabalho; isto é — a autonomia da riqueza, do bem-estar, da moralidade e da instrução. Essa epocha se aproxima, porquanto a effervescencia do abolicionismo e o desenvolvimento da lavoura não cessam, mas pelo contrario tem todos os dias novo impulsionamento e terminará pela extincção completa do elemento escravo e pela diffusão geral do trabalho, o trabalho livre que não só dá o pão de cada dia ao povo, como também leva ao lar da familia a moralidade e a ordem, os principios de paz e o nobre orgulho da independencia conquistada.

Esperar alguma cousa do governo, crer em promessas fallazes é ser objecto de constantes ludibrios. O incentivo deve partir de nós mesmos.

A lavoura e a industria de S. Catharina devem seguir o exemplo das de outros logares, adoptando boas medidas de desenvolvimento; entre ellas apontaremos uma — as *exposições regionaes*.

Na confrontação dos productos naturaes e industriaes ha um grande incentivo para todos, fazendo com que os rotineiros se aperfeiçoem e apprendam a tirar o maior partido possivel desses dois capitães poderosos — o solo e a materia-prima do fabrico.

Alem disso das homenagens concedidas ao merito dos trabalhadores laboriosos e intelligentes é que se origina a luta e a concorrência, sem o que não ha progresso possivel.

As exposições regionaes seriam de maxima utilidade para a lavoura activa da provincia e para a industria florescente dos nucleos coloniaes.

Poucas provincias dependem tanto da lavoura como S. Catharina, por esse motivo deve ella selar para que a fonte de sua riqueza se torne mais ampla e fecunda, fazendo exposições periodicas do conjunto de seus productos, premiando ao merito e esclarecendo a ignorancia e atrazo dos maes.

Se a estrada Pedro I não teve a realisação tão ardentemente ambicionada pelos catharienses, se o governo em vez de dar-nos meios de desenvolvimento, procura pelo contrario manter o nosso atrazo, mantendo ainda instituições que nos envergonham, se em vez de compenetrar-se dos destinos do paiz e da dignidade nacional maculada, elle procura abafar a volera do povo pela corrupção do emprego publico, essa arma liberticida do poder, pela distribuição dos titulos irrisorios de nobreza feita á pressa e pelo filhotismo em freio, se nem uma esperança ha por esse lado, nem nunca houve, tire o povo de si mesmo o auxilio e forge o progresso pela fusão das iniciativas e dos esforços.

Do poder nada ha a esperar nunca; occupado como elle está constantemente em velar para que o escravo não quebre uma velha algema de suor secado, nos zelos pa-

ternos com que elle serve o esplendido festim do erario publico pelo filhotismo famelico, que attentões pode prestar ás supplicas de S. Catharina? Nenhuma.

Se ella não trabalhar e não proteger a medida de suas forças a lavoura e a industria e não se impuzer pelo prestigio e patriotismo dos seus filhos, nada alcançará.

Quanto mais precario fôr o estado das nossas finanças, quanto maior fôr a inercia e ignorancia do nosso povo, mais escravizado, mais comprimido será elle e mais remoto estará o nosso ideal — a descentralisação completa que esmague até á extincção as velhas instituições apodrecidas e dê lugar á nascença da democracia e dos bellos principios regeneradores.

Tudo o que impulsiona ao trabalho, impulsiona á liberdade.

Ja vai longe a ingenuidade do povo que fazia da liberdade um dom celeste estranho ás materialidades da vida, uma especie de graça divina dos jansenistas.

Hoje elle sabe que a liberdade é um producto directo do progresso e cresce, e se envolve e se expande á medida da instrução e do esforço, a proporção que os cerebros se aciarão, os sentimentos se apuram e o caracter se avigora na eterna e renhida luta pela vida.

Fora disso, tudo é tagarellagem metaphisica — *status vocis*.

Tome esta provincia o exemplo de São Paulo — trabalhe e trabalhe! Só na industria e na lavoura está o germen da regeneração do povo e da patria, porque ella arrastará pelo futuro na torrente caudal do seu desenvolvimento as velhas instituições carunchosas e fará surgir a aurora esplendida do Proletariado!

Odio luso-brasileiro contra os allemães

Depois de estar adiantada a parte editorial da nossa folha, por accaso deparamos com um artigo de *fundo* publicado com o titulo acima pela „Reform“ em seu n.º 9 do dia 2 do corrente.

Sem tempo de respondermos devidamente as offensas assacadas naquella jornal ao povo brasileiro, nos aguardamos para o numero seguinte, mesmo para que haja com a demora mais calma e prudencia na resposta que dermos.

LITTERATURA

A Gloria

Dá-me um pouco de luz, exclama a vaga;
Dá-me um pouco de espuma, o sol murmura;
— Póde orvalhar-te um beijo a face pura;
— Póde quismar-te o seio a luz que afaga.

Não me deixes, ó mar, brandinha e magra
Soluga a espuma de nevada alvura:
Guarda-me, ó sol, a eterna formosura,
Escreve a luz, a reavalar na fraga!

E o niveo fróco ao longe phosphoresce,
E nas ondas o sol vai dormitar...
Oceano de luz, quem te conhece?!

Ha Deus no espaço, ha vibrações no ar...
Gloria assim é — na morte a vida cresce,
A jorça é o sol — o pedestal é o mar!

JOSÉ BONIFACIO.

SECÇÃO NOTICIOSA

Na tarde do dia 2, na ilha do mel (na bahia de S. Francisco), virou-se uma canoa em que iam o allemão Jürgen Sellmer, sua mulher e dois filhos menores e o remador Antonio, submergindo-se Sellmer e um filho, que se afogaram, salvando-se os outros.

Ao noticiar o apparecimento da „Folha Livre“, o nosso collega da „Reform“ de 2 do corrente, endereçou-nos suas expressões de delicado colleguismo, ás quaes nos contesamos bastante agradecidos.

Fez hontem 19 annos de idade o nosso companheiro de redacção Reinaldo Machado.

Em S. Bento, no dia 1 deste mez, iam de passeio a Campo Alegre, em um carro, o Snr. tenente coronel José Celestino de Oliveira, sua senhora e duas filhas, e o Snr. Argemiro Loyola, genro do Snr. Celestino, com sua senhora, e logo na primeira descida daquella estrada os animaes dispararam, occasionando a cahida do carro em um pequeno vallo emfrente de uma barroca, por ter talvez o cocheiro perdido o necessario sangue frio diante do perigo.

A excepção de uma filhinha do Snr. Celestino, de 5 annos de idade, todas as outras pessoas de sua familia soffreram com o lamentavel incidente, tendo sido o mais infeliz o seu genro, o Snr. Argemiro Loyola, que quebrou a perna direita pouco a cima do tornozelo; sua senhora, Exma. D. Targina, machucou-se muito na clavícula, nas costas, no rosto e na perna. A Exma. Sra. do Snr. Celestino machucou-se bastante nos quadris, de modo que com sacrificio consegue andar.

Sua filha D. Sinhara pisou uma das mãos que se inflamou bastante e recebeu um ferimento pouco abaixo da sobrancelha esquerda. O Snr. Celestino ferio-se na testa, nos labios e machucou-se no pescoço de modo que não pode virar a cabeça sem grande dor.

Entre tantos feridos, o Snr. Argemiro é o que o está mais seriamente, já pelo seu padecimento ser o mais doloroso, já pelo tempo preciso para a sua cura, entregue ao cuidado do Snr. Dr. Felipe Wolff.

Verdadeiramente consternados pela infelicidade de que foi victima aquella distincta familia, fazemos ardentes votos para que em breve os vejamos completamente curados e sem signal algum que lhes recorde o desastre.

E' agente e correspondente desta tolha, na vizinha cidade de S. Francisco, o Sr. Sergio Augusto Nobrega, a quem nos cumpre agradecer os serviços que como tal ja nos tem prestado.

No dia 3 casou-se na igreja catholica desta cidade o Snr. Vicente José Fernandes com a Exm. Sra. D. Luisa Berenstein, servindo de testemunhas os Srs. João Gomes de Oliveira e Gustavo Richlin.

Longa vida cheia de venturas é o que almejamos aos noivos.

No domingo passado deu o „Congresso Joinvillense“ a sua segunda partida, no salão Berner, finalizando as 3 horas, o que importa dizer que esteve animada.

— Hoje a antiga e conhecida sociedade „Boa Noite“ dá a sua partida mensal. Uma boa noite lhe desejamos.

Communicam-nos que a Collectoria de Rio Negro (Provincia do Paraná) está illicitamente cobrando impostos sobre os generos importados na zona contestada entre esta e aquella provincia.

Chamamos para este abuso a attenção dos governos provincial e geral.

Na madrugada de 31 de Janeiro, no logar Lençoes, municipio de S. Bento, achando-se

em um baile publico Jorge Schröder e seu filho Jacob Schröder, travaram-se de rasões com Carlos Deparade por causa de roubo de peçoas, resultando ficarem pai e filho gravemente feridos por Deparade, que evadiu-se logo depois do facto.

O delegado de policia tendo conhecimento do occorrido, dirigiu-se ao logar do crime, acompanhado do escrivão e medico, procedendo ao acto de corpo de delicto e conti-nua nas diligencias que o caso exige. Os ferimentos foram julgados mortaes.

Pelos jornaes vindos ultimamente do De-terro, vimos que falleceu nessa cidade a mãe do Sr. João Uriarte, ex-juiz commissario deste municipio, D. Felizarda Candida Uriarte.

Do „Jornal do Commercio“ extrahimos o seguinte telegramma:

— Rio, 19 de Janeiro. Telegrammas aqui recebidos dizem que é inevitavel uma decla-ração de guerra entre estas duas grandes po-tencias França e Alemanha. Ambas tratam cada vez mais activamente da acquisição de importantes materias de guerra.

Cambio 22 1/2.

Seguiu no „Humaytá“ ante-hontem para Itajahy a Exma. Sra. D. Maria Bastos Cesar de Mello, irmã do nosso companheiro de re-dacção Ignacio Bastos.

Acha-se em S. Francisco, vindo na ultima viagem do „Humaytá“, o Sr. Advogado Ma-nuel José de Oliveira.

A camara municipal de Itajahy compõe-se dos Srs. Nicolau Malburg (presidente), Lou-renço de Souza Rochadel (vice-presidente), Antonio Ignacio da Silva, Geraldo Pereira Gonçalves, Samuel Heusy, Antonio dos San-tos Cardoso, Francisco Antonio da Cunha, José Marcellino da Silva e Lourenço Joaquim Pinto

Desses novos vereadores muito tem a es-perar o municipio de Itajahy, que por tanto tempo tem sido prejudicado por camaras in-differentes ao seu desenvolvimento.

Consta-nos que o procurador daquella ca-mara está sendo responsabilizado por um des-falque encontrado nos cofres municipaes, e, devido a energia da actual edilidade, o nego-cio não dormirá o somno do patronato.

Herbert Spencer, o eminente sociologista, o forte pensador, o illustre philosopho racio-nalista, cujo nome serve como de labaro aos que acreditam na omnipotencia da razão hu-mana aliada ao estudo da sciencia, é sim-plesmente um deista, como qualquer homem cujo senso commun não esteja obstruido por mal digeridos rebotalhos de uma doutrina tão falsa quanto funesta.

Na „Révue Bleue“ lê-se um extracto do 4º volume, ainda inédito, dos „principios de so-ciologia“, em que H. Spencer desenvolve a formula proverbial: pouca sciencia nos afasta de Deus, muita sciencia delle nos aproxima.

Citemos apenas dous trechos:

Aquelles que crêem que a sciencia dissipa as crenças religiosas parecem ignorar que tu-do quanto ella pode tirar do mysterioso ás antigas interpretações ajunta-se ás novas. Ser-ia até mais verdadeiro dizer que, passando das antigas para as novas, o mysterio torna-se mais profundo. Com effeito, a sciencia substitue a uma explicação que parecia pro-ovivel, outra que nada mais faz do que nos transportar um pouco mais longe e collocar-nos em presença de um facto absolutamente inexplicavel (refere-se ao Inconoscivel dos positivistas).

E depois:

Existe um ser imprescrutavel que se ma-nifesta em toda a parte, e do qual não se pode conceber o fim nem o principio. No meio dos mysterios que se tornam tanto mais obscuros quanto mais os penetramos pelo pen-samento, ergue-se uma certeza absoluta, a

saber, que estamos sempre em presença de uma Força infinita e eterna, da qual proce-dem todas as cousas.

É esperada na Italia, onde se lhe prepara uma recepção digna, um americano do norte e grande cidadão, chamado Frederico Du-glass, homem de cor, que conta 70 annos de idade, e é um dos maiores apostolos da liber-dade, e muito estimado geralmente.

A proposito desse cidadão escrevem de Ita-lia o seguinte:

„Não ha no Brazil quem não tenha lido a „Cabana do Pae Thomaz.“

„Devem lembrar-se daquella pobre escrava que vio arrancar-se-lhe dos braços o seu unico e terno filhinho, e que, fugindo da fazenda, andou de noite, oito legoas para abraçar ain-da uma vez o querido fructo de suas entra-nhas, procurando não faltar de madrugada no seio!“

„Pois bem, aquelle menino, aquelle mula-tinho, hoje velho de quasi 70 annos, acha-se na Europa, com a cabeça veneranda, coberta de cor branca e de gloria!“

Lê-se na „Provincia do Espirito Santo“.

Falleceu no dia 24 no hospital da Miseri-cordia d'esta cidade o nacional Francisco de Paulo Ferraz, morador em Cariacica, victima de uma grangena que se desenvolveu rapi-damente após aquelle individuo haver comi-do a especie de peixe conhecida por „arraia pintada“.

Em uma reunião de 4 de Novembro ulti-mo a camara do commercio de Manchester foi o theatro de uma viva discussão com o fim de saber se a Inglaterra deve continuar ou não na politica do livre cambio. Os pro-tectionistas propuzeram a seguinte resolução:

„Depois de haver esperado em vão du-rante 40 annos que as outras nações seguis-sem o exemplo da Inglaterra na politica li-vre-cambista, a camara pensa que é chegado o momento de examinar a situação econo-mica actual da Inglaterra.“

Esta proposta deu logar a um largo deba-te, sendo afinal rejeitada por 22 votos contra 21, isto é, por um voto de maioria.

Como era de esperar, este resultado alar-mou a imprensa economica, pois Manchester é o centro do livre cambio, do Reino Unido.

Esta não aceitação, pelas outras nações, das medidas de livre permuta adoptadas pela Inglaterra, prova que ellas se querem liber-tar da terrivel concurrencia do commercio inglez com as peias do protectionismo.

Conta uma folha de Sergipe:

„Acommetida de febres paludosas, dormi-tava uma mulher em um forno de queimar louça vidrada, situado no 2º districto d'esta cidade.“

O marido, velho oleiro, tinha ido á fonte, perto da olaria, buscar agua afim de refres-car o barro destinado ao fabrico da louça.

E ella dormitava sem consciencia do que em redor de si se passava.

De volta da fonte, qual não toi o espanto do velho oleiro ao ver que, enredilhado ao corpo de sua esposa, aquecido ao calor da febre, um enorme cascavel dormia tranquillo e desocuidado, como se estivesse abrigado á scmbra de virente arbusto!

Como despertar a esposa sem que desper-tasse a cobra?

Terrivel situação!...

Ao lado da existencia o tumulto inevitavel.

O velho oleiro, depois de erguer fervoro-sos preces aos céos, carregou uma clavina e aguarda o momento de combate.

Fazer fogo sobre o reptil importaria assassinar sua esposa.

Revestindo-se de uma paciencia que elle es-tava longe de possuir na occasião, acocora-se, consegue, com um ponteiro, despertar a es-posa e avisa-a do perigo em que ella estava.

Pede com lagrimas nos olhos que não faça o menor movimento, porque então o reptil

espantado com o barulho disputaria e faria pagar bem caro o seu somno.

A mulher, que em todos os tempos foi uma heroína como nos diz a historia, agremiando as forças, deu um salto medonho, deixando o reptil rolar ao chão, mordendo no seu des-espero o forno e soltando aos ventos o tinir dos chocalhos.

Livre a esposa, o velho oleiro fez certaíra pontaria e o reptil morre ferido por vinte e oito caroços de chumbo.

Media dez palmos de comprimento e em sua cauda contavam-se quatorze chocalhos.“

SECÇÃO AMENA

Coisas e Leisas

Segundo lemos nos jornaes da corte o Go-verno está decidido a dar cabo do entrudo. Bravo, Srs. da Governança! Batei palmas velhotes pacatos, burguezes pangudos! Aca-baram-se as constipações, as bronchites e os espirros em jejum!

Afinal os homens lá de cima compenetra-ram-se dos altos destinos da patria!

Esta medida sanitaria vae poupar muitas victimas e muito chá de sabugueiro! Na verdade, é simplesmente tolo ensopar o can-gote de uma pobre creatura, que muitas ve-zes sua em bicas sob este sol abrasador! Olhem, conhecemos um rapaz que era gordo, corado, bonito mesmo e devido a um limão que atiraram-lhe na espinhella ali anda ma-grinho, amarello, desfigurado, prestes a esti-car as canellas! Portanto odio aos limões, guerra ás bisnagas e morte ao entrudo.

No „Congresso“ (entre moças):

— O „Forragaita“ é arabe. Não sabias?

— Qual arabe, nem meio arabe! Nasceu na ilha do Mel!

— Estás enganada! Papae lendo os „Chu-viscos“ de hoje, disse: Este „Forragaita“ é das Arabias.

Susto para o povo — um cometa no céu.
Susto para negociantes pingados — um co-cometa em casa.

— Mamão, anjo tem asas?

— Tem, filhinha.

— Então a criada tambem tem... Papae chamou-a hontem do anjo.

A mãe depois de reflectir um momento:

— A criada tambem tem asas, filhinha; has de vel-a hoje mesmo voar pela porta fóra.

— Não soubestes da descompostura que as moças pregaram no „Forragaita“? Olha que puzeram-lhe mesmo a calva á mostra.

— Pois admira, porque elle não é careca.

AVENTURAS DO FORRAGAITA

„Forragaita“ dos „chuviscos“,
Que é um méco desses bem máus,
Lá chamou nos seus rabiscos
As moças de pica-páos.

As moças vendo as anquinhas
Soffrendo debiques taes,
Foram logo direitinhas
Se queixar aos seus papaes.

— „O‘ papae olha a chalaça
Que o „Forragaita“ nos diz —“
Os papaes não são pra graça,
Tem mostarda no nariz!

Ficaram que nem curiocos,
Dizendo com grande zanga.
— „Deixa estar que estes „chuviscos“
Vão dar pannos para manga.

Dito e feito. Muito quentes
Dirigem-se á Redacção,
Armadinhas até os dentes
De pistolla e de facão.

Forragaita em desespero,
Vendo perigo lá fóra
Dis — "Perna p'ra que te quero?
„Valha-me Nossa Senhora!"

E salta com grandes riscos
Pela janella de traz,
Mandando ao diabo os „chuviscos"
E mais aquelle que os faz.

Deus não tendo que fazer (o que se dá
muitas vezes) agarrou um pouco de barro,
fez uma velha feia, desdentada, poz-lhe na
bocanha uns olhos de tartaruga, no bolso
uma boceta de rapé, um lenço vermelho, um
mocho de chaves e uma palmatoria. Depois
com um sopro deu-lhe vida. E a estatua fez-
se mulher, a mulher fez-se sogra e a sogra
fez-se diabo. E Deus disse-lhe — „Vae ao
mundo e acaba com elle."

A maior prova de amor de um gastrônomo
por sua *ella* é gostar de tudo quanto *ella*
gosta.

GONSALINHO E CURUVINA.

SECÇÃO LIVRE

Consumo de carne verde

Com o título acima, veio, pela „Folha Li-
vre" de 30 do passado, o Sr. João Kurscheidt
com um artigo-annuncio em que depois de
fazer publico que reabriu o seu açougue, diz
que a elle se deve as baixas que tem soffrido
o preço da carne verde.

Sem faltar a verdade quanto as alternati-
vas que tem havido no preço, occultou o Sr.
Kurscheidt as causas que tem determinado
aquella variante, e que o publico por certo
ignora.

O Sr. Kurscheidt não nos obrigou a acom-
panhar o no baixamento do preço, e, apenas,
por propria vontade e commum accordo o
fizemos, porque o gado então vendido foi por
preço mais baixo. O que poderia ter succe-
dido, e isso não nos lembra, foi o açougue
do Sr. Kurscheidt ter-se adiantado nisso um
ou dois dias, para ganhar as alviças da
freguesia.

O que succedeu, porem, com a subida foi
determinado pela mesma causa; isto é, sub-
ida em preço do gado por nós comprado. Isto
é de tão simples comprehensão, que o publi-
co nos dispensará de maiores provas.

Acresce que o Sr. Kurscheidt falla no
tempo da sua *ausencia*. Nunca nos constou
que esse Sr. se tivesse retirado desta cidade;
o que sabemos é que o seu açougue esteve
por muito tempo fechado; ou por que o preço
que elle inaugurára no seu açougue forçou-o
a acabar com o negocio (o que não nos acon-
teceu), ou por outra qualquer causa que des-
conhecemos.

O Sr. Kurscheidt pode contar com o pu-
blico inteiro, e o aconselhamos que pegue bem
a toçoa, um por um; que deixem de comprar
nos carne verde, mas nós é que pomos nos-
sas duvidas se o publico pode contar com
um açougue que hoje vende carne e ama-
rillá está fechado; nós tambem temos nesses
freguezes certos e tambem honestos que tem
o bom senso de não deixarem o fornecedor
antigo e sério por um novo que com a fa-
cilidade com que annuncia se, com essa mes-
ma fechará a sua casa, deixando os seus fre-
guezes a espera que se resolva a reabril-la.
Nós ao menos temos a constancia de atra-
vessar as quadras ruins não deixando o pu-
blico ficar sem carne quando o gado é caro,
para vir nos apresentar se quando o gado
fica barato.

O publico se acautele com esses protectores
improvisados e não troque o certo pelo du-
vidoso.

Joinville, 2 de Fevereiro de 1887.

Os CONCORRENTES.

DECLARAÇÕES

A' Praça

Alvaro Nobrega e Ernesto Canac, com fa-
bricas de beneficiar herva matte em Joinville
e Lençóes, declaram que desde 1º de Janeiro
do anno corrente entrou em liquidação a
firma social que girou nesta praça debaixo
do nome de Alvaro Nobrega & Canac.

A quem se julgar credor, rogam apresen-
tar suas contas até 31 de Junho do corrente
anno.

Previnem seus devedores de satisfazer seus
debitos quanto antes, evitando assim serem
entregues suas contas a cobrador.

Joinville, 26 de Janeiro de 1887.

ALVARO NOBREGA & CANAC
em liquidação.

ANNUNCIOS

VENDE-SE um bonito coche com excel-
lentes molas, novo, forte, proprio para
passeios e viagens e com toldo de fechar e
abrir. O preço é muito commodo. Para in-
formações na redacção desta folha.

GREMIO

„José Bonifacio"

De ordem do Snr. Presidente aviso aos
Srs. socios que quinta-feira, 10 de Fevereiro,
haverá sessão ordinaria para discussão da
these apresentada na passada sessão

Joinville, 6 de Fevereiro de 1887.

O secretario: REINALDO MACHADO.

Pedro J. de S. Lobo

encarrega-se de cobranças amigavel ou
judicialmente; tambem recebe procura-
ções para tratar de qualquer negocio
perante os juizes: de direito, municipal,
e de paz e defesas perante o jury, nos
termos de S. Bento e Joinville.

Joinville.

Rua d'Agua.

Francisco Gomes de Oliveira,

NEGOCIANTE

estabelecido em Joinville,
encarrega-se de encomendas de mobílias e
moveis das officinas desta cidade, assim como
de compras de qualquer genero deste
municipio.

Recebe gratos a consignação.

Tudo mediante uma pequena commissão.

João Antonio Corrêa

Maia

pede aos seus freguezes que com
elle tem conta o favor de mandal-
as saldar com a brevidade possi-
vel, pois devido a isso acha-se elle
comprmettido para com alguns
credores.

ANTONIO SEILINGO

ourives

Concerta objectos de ouro e prata, perfuma
em ouro e prata, concerta relógios, e faz to-
do o serviço tendente á sua arte.

Rua de S. Catharina.

HOTEL YPIRANGA

JOINVILLE.

Este conhecido e acreditado esta-
belecimento, situado em uma das me-
lhores ruas da pittoresca cidade de
Joinville, proximo ao porto, continua
a offerecer todas as commodidades
aos srs. viajantes.

Refeições preparadas ao gosto dos
hospedes.

Quartos aseados, espaçosos e
ventilados.

Banhos quentes e frios,
Bilhar, etc. etc.

Preços modicos, promptidão e accio.

Açougue

DE

João Kurscheidt.

Neste conhecido açougue vende-se
excellente carne a 200 réis o kilo,
servindo-se o freguez a gosto.

RUA D'AGUA.

Miguel Soares d'Oliveira Cercal

se encarrega de cobranças de dividas
e compras documentadas simples
ou com hypothecas para cobrar por
sua conta; aceita qualquer questio
civil ou commercial e defende perau-
te o Tribunal do Jury, por preços
accommodados

Aos pobres — gratuitamente.

E' encontrado a qualquer hora em
sua casa a rua de S. Pedro n'esta
cidade.

Logo de bolas

NO

HOTEL YPIRANGA,

o melhor e o mais frequentado nesta cidade
por suas excellentes condições e estar em lu-
gar em que os amadores podem estar em com-
modidade e sendo bem servidos pelo pessoal
desse hotel.

COLLEGIO BUEK

Este collegio ainda accita alumnos pen-
sionistas e externos.

O Director:

ERNESTO BUEK.

Typ. de C. W. Boehm. Joinville.